

## ■ RELATOS DE EXPERIÊNCIA

### ■ A professora que põe as bolinhas?

 *Carolina Helena Micheli Velho \**  
*Rhaisa Naiade Pael Farias \*\**

**Resumo:** A partir da proposta de uma Base Nacional Comum Curricular, a expressão “Campos de Experiências” vem ganhando popularidade. Segundo o documento da Base esses Campos estabelecem um arranjo curricular que conjuga as situações e as experiências da vida cotidiana das crianças e seus saberes, aos conhecimentos já produzidos na sociedade. O objetivo deste texto é, a partir do relato de uma sequência de atividades de crianças de quatro e cinco anos de idade, refletir sobre como os Campos de Experiências podem contribuir para que o trabalho desenvolvido com as crianças da Educação Infantil seja ressignificado, e assim, seja possível ultrapassar uma estética, predominantemente adulta e afirmar a potencialidade das crianças.

**Palavras-chave:** Campos de Experiências. Base Nacional Comum Curricular. Prática Docente. Formação Estética. Educação Infantil.

---

\* *Carolina Helena Micheli Velho é mestre em Educação pela Universidade de Brasília (2016). Coordenadora-Geral de Educação Infantil do Ministério da Educação. Contato: carolvelho@gmail.com.*

\*\* *Rhaisa Naiade Pael Farias é licenciada em Pedagogia - Habilitação em Educação Infantil pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2007), especialista em Educação Infantil pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2012), mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade de Brasília (2015), e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília. Contato: rhaisapael@gmail.com.*

## Introdução

Recentemente, a expressão “Campos de Experiências” vem ganhando popularidade nacionalmente por conta das discussões da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em que aparece como proposta de sistematização curricular para a Educação Infantil. O documento propõe que esses Campos devem aliar saberes, curiosidades, experiências, brincadeiras e interações das crianças ao conhecimento já produzido na sociedade, com a finalidade de seu desenvolvimento integral. Segundo a BNCC (BRASIL, 2017, p. 38):

Os Campos de Experiências constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural.

Portanto, foram estabelecidos a partir do exposto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEIs) de 2009, como saberes fundamentais para as crianças e se apresentam na BNCC em cinco áreas: o eu, o outro e o nós; corpo, gestos e movimentos; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. Também, a BNCC informa que sua inspiração encontra-se no sistema educacional da Itália, que, por sua vez, se pauta no documento de Indicação Nacional Italiana (1991), revisado em 2012.

O livro “Campos de experiências na escola da infância: contribuições italianas para inventar um currículo de educação infantil brasileiro”, organizado por Daniela Finco, Maria Carmen Silveira Barbosa e Ana Lucia Goulart de Faria, apresenta a tradução integral do texto norteador e cinco artigos que discutem os Campos de Experiências e sua relação com o cotidiano na Instituição de Educação Infantil.

Nesse livro, Zucconi (2015, p. 209) argumenta que essa organização possibilita aos professores trabalhar com as crianças em uma perspectiva de inter-relação entre o conhecimento formal e a experiência de vida, em que os Campos de Experiências podem ser compreendidos “como a predisposição de ambientes específicos por parte dos professores, que permitem possíveis ações de descoberta por parte das crianças”.

A seguir, apresentamos o relato de uma sequência de atividades de crianças de quatro e cinco anos, de uma turma de pré-escola no interior do país. Posteriormente, faremos algumas considerações acerca da prática pedagógica da professora e buscaremos refletir sobre como os Campos de Experiências podem contribuir para que o trabalho desenvolvido com as crianças da Educação Infantil seja ressignificado. Finalizamos o texto ponderando a necessidade de maior discussão em nível local

sobre a BNCC e deixamos alguns questionamentos para que tal debate ultrapasse as páginas desta publicação.

## A prática da professora e os Campos de Experiências: o caso da galinha d’angola

Em meados de 2015, durante uma série de visitas a uma instituição de Educação Infantil foi possível acompanhar uma sequência de atividades, as quais descrevemos em seguida. Durante uma manhã, crianças avistaram no lote ao lado da instituição educativa, galinhas d’angola. Imediatamente, chamaram a professora e mostraram os animais. Ficaram encantadas com a quantidade de galinhas e sua aparência peculiar. Fizemos inúmeras perguntas à professora que se sentiu motivada a explorar com as crianças novos conhecimentos sobre o assunto. No dia seguinte, ela levou para sala o poema de Vinícius de Moraes, intitulado: A Galinha D’angola. As crianças adoraram a poesia e, então, a professora levou uma música sobre o mesmo tema, e as crianças cantaram.

Para dar continuidade ao trabalho e acreditando na importância de vivenciar uma diversidade de experiências, a professora teve a ideia de que cada criança poderia pintar a sua galinha d’angola e propôs uma maneira diferente de registro. Utilizou a técnica de carimbo, em que as crianças passaram tinta preta com pincel na mão e a “carimbaram” em uma folha branca. A professora explicou que aquele formato seria o corpo da galinha, as crianças analisaram sua produção e identificaram, rapidamente, a ausência das pintas brancas. Foi então, que ela ligou a televisão da sala, e colocou o filme do Shrek para a turma assistir. Durante o filme, a educadora concluiu o desenho das crianças sozinha, fazendo as pintas brancas com o auxílio de um pincel.

Diante dessa prática, queremos chamar a atenção quanto à primeira parte do relato, quando as crianças indagaram a respeito da galinha d’angola e a professora demonstrou interesse e sensibilidade em ouvi-las, desencadeando assim, novos conhecimentos em consonância a curiosidade e contexto vivenciado pela turma. Ela proporcionou à classe o contato com elementos da cultura popular, como a poesia e a música.

Até este ponto, percebemos a articulação entre o estabelecido nas DCNEIs (2009) no artigo 5º referente a “ampliação de saberes e conhecimentos de diferentes naturezas”, as proposições feitas a respeito dos Campos de Experiências e o trabalho desenvolvido pela professora, que organizou sua prática tendo como ponto de partida a experiência contextualizada da turma.

A segunda parte do relato, trata da atividade concretamente ao carimbo da mão, que precisa ser problematizada, pois parece basear-se na concepção de inabilidade das crianças para realizar um desenho autoral. Esta

técnica não seria a mais conveniente, uma vez que, altera por completo a forma do que seria o corpo de uma galinha d'angola, além de não dar a opção das crianças criarem sua própria galinha, ou de colocarem seus riscos e rabiscos na folha em branco, expressando sua individualidade, criatividade e potencial de criar.

Outra consideração, é que ao ligar a televisão e colocar um filme, como o do Shrek, a professora demonstrou a falta de planejamento atrelada a ideia de que, para o desenho ser bonito, o adulto precisa "por a mão", mesmo que seja para "finalizar". Shrek não propicia nenhuma ampliação de conhecimento sobre o tema estudado pela turma: a galinha d'angola, assim, a televisão foi ligada com a intenção de que as crianças ficassem quietas, enquanto o adulto realizava outra atividade.

Por fim, ao fazer as pintas nos desenhos das crianças, a professora atua de forma adulto centrada, realizando uma parte da atividade que as crianças poderiam fazer por si só. Ela indica um julgamento velado pela fala, mas evidenciado pela ação: o de que a criança é incapaz. Se tomarmos como referência um trabalho a partir dos preceitos dos Campos de Experiências, a professora poderia ter deixado que cada criança fizesse sua própria galinha d'angola, sem necessariamente, passar por uma padronização.

Nesse sentido, ela poderia ter proporcionado um ambiente com os materiais necessários e orientado as crianças de como fariam sua galinha e suas bolinhas brancas, poderia explorar desde como usar o pincel, até a quantidade de tinta para não desperdiçar o material, ou inclusive, perguntar às crianças como elas achavam que a atividade poderia ser feita. Mais um desdobramento possível, seria brincar de galinha d'angola, cacarejar, voar, botar ovos, entre outras atividades que as crianças pudessem realizar e, assim, desenvolver seu potencial imaginativo e criativo.

Bem, a ênfase que damos aqui é justamente que as crianças tenham, diariamente, a oportunidade de imaginar e criar, assim, o desenho e a brincadeira são essenciais para que elas desenvolvam seus potenciais imaginativos e criativos. Por isso, os desenhos estereotipados e técnicas como a de carimbo, não valorizam as diferenças e especificidades que cada criança tem em seu traço e imaginação.

O carimbo da mão das crianças pressupõe um único padrão para o corpo da galinha, bem como, os desenhos estereotipados pressupõe uma única matriz para inúmeras cópias, o mesmo desenho é distribuído à várias crianças que são singulares em sua maneira de ser e existir. Assim, traz pronto um padrão e o desenho perde sua carga imaginativa e criativa, deixa

de ser construção do pensamento e passa a ser uma cópia sem sentido, um treino motor, atingindo apenas as necessidades físicas, sem estimular as crianças em outros aspectos. Entendemos que,

O desenho constitui para a criança uma atividade total, englobando o conjunto de suas potencialidades e necessidades. Ao desenhar, a criança expressa a maneira pela qual se sente existir. O desenvolvimento do potencial criativo na criança, seja qual for o tipo de atividade em que ela se expresse, é essencial ao seu ciclo inato de crescimento. Similarmente, as condições para seu pleno crescimento (emocional, psíquico, físico, cognitivo) não podem ser estáticas. (DERDYK, 1989, p.52).

O desenho é imaginação, criação, registro, interpretação e interação, por isso, ele é elemento essencial para a ação pedagógica com as crianças, uma vez que valoriza sua produção e respeita seu ritmo e desenvolvimento. Ademais, ele interfere diretamente no processo de apropriação da escrita, pois chega um momento em que as crianças percebem que aquilo que elas rabiscam, pode ter um significado, subsequentemente, que a fala pode ser representada pela escrita (VIGOTSKI, 1991).

O mesmo simbolismo presente no desenho está na brincadeira de faz-de-conta, que é o espaço em que as crianças podem expressar suas fantasias, desejos, medos, sentimentos, colocar-se no lugar do outro, seja objeto, animal ou humano, e os conhecimentos que vão constituindo a partir das suas vivências. Nessa brincadeira elas vão desenvolvendo sua capacidade de representar, e assim, se apropriando da realidade.

Além disso, as crianças brincam porque a brincadeira é uma atividade que corresponde às suas necessidades. Por meio da brincadeira elas satisfazem sua necessidade de criar, de conhecer e entender o significado das coisas e dos fatos, expressando a forma como reflete, ordena, organiza, desorganiza, destrói e reconstrói o mundo a sua volta (VIGOTSKI, 1991).

Essas sugestões para possíveis atividades estão em consonância com as DCNEIs (2009) que estabelecem em seu artigo 6º, três princípios a serem considerados nas propostas pedagógicas, entre eles, o princípio estético que trata "da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais" e no artigo 9º, orienta que as práticas pedagógicas da Educação Infantil devem garantir experiências que "promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura".

Outra consideração, é que as atividades desenvolvidas pela turma, indicam que a aprendizagem naquele momento partiu de uma construção coletiva mas, na hora do registro, a experiência pessoal e direta das

crianças foi negada, e assim, seus conhecimentos e autoria foram desconsiderados. John Dewey (2010, p. 109) salienta quão importante são as interações vivenciadas pelas crianças em suas experiências cotidianas, segundo o autor:

A experiência ocorre continuamente, porque a interação do ser vivo com as condições ambientais está envolvida no próprio processo de viver. Nas situações de resistência e conflito, os aspectos e elementos do eu e do mundo implicados nessa interação modificam a experiência com emoções e ideias, de modo que emerge a intenção consciente. As coisas são experimentadas, mas não de modo a se comporem em uma experiência singular.

Por isso, na Educação Infantil, as experiências vividas na infância devem ser valorizadas, e o adulto deve buscar em diferentes momentos do dia e por meio de diversas atividades, oferecer a possibilidade das crianças criarem, se expressarem, construir autonomia e autoria. Como indicam Coutinho e Rocha (2007, p. 11), a prática docente deve ser concretizada em

(...) um encontro entre adultos e a alteridade da infância. E exige ainda que eduquemos o nosso olhar, a fim de rompermos com a relação verticalizada, passando a constituir a relação na qual adultos e crianças compartilham amplamente sua experiência de viver parte de suas vidas nas creches e pré-escolas. Nem isto nem aquilo. Educação como emancipação. Nem subalternidade, nem espontaneísmo.

Por tal razão, destacamos a necessidade de refletirmos sobre os Campos de Experiências no contexto da Educação da Infância e suas contribuições no processo de constituição de conhecimentos, para que as crianças e suas experiências sejam consideradas centrais e, concomitantemente, as trocas entre as crianças e seus pares, entre crianças e adultos, sejam mais valorizadas.

Destacamos ainda que, a crítica apresentada não tem por intuito denegrir ou acusar a referida professora, mas a situação observada serviu como catalisador da urgente discussão da BNCC e dos conceitos que ela traz.

## Para não concluir

A história aqui contada pode se repetir em diversos lugares deste país continental. Ultrapassar esta estética predominantemente adulta, onde o acabamento é realizado pelas mãos da professora, não é fácil, e ainda, driblar a ideia de que a criança é incapaz de fazer sozinha, exige um espaço de muita reflexão sobre a própria prática.

Talvez, a discussão sobre os Campos de Experiências contribua para o enfrentamento de práticas pedagógicas que não valorizem as capacidades e potencialidades das crianças, que lhes neguem possibilidades de criar, que lhes imponham a cópia de palavras sem significado, a pintura de desenhos estereotipados, o pouco repertório de atividades e a falta de materiais. Nesse sentido, entendemos que o CRIAR pode ser considerado como uma importante atitude no processo de aprendizagem das crianças, uma vez que CRIAR é uma atividade do desenvolvimento humano e um processo de autoria, importantíssimo na constituição de si mesmo.

Por isso, atividades como o desenho livre ou de observação e a brincadeira, oportunizam às crianças revelar e trabalhar sentimentos, emoções e impressões, comunicando seus pensamentos, incentivando-as a assumirem um lugar no grupo, deixando suas marcas e compartilhando do que lhes é comum, partilhando com o grupo sua cultura, seu meio e sua história, assumindo sua identidade.

Para além das críticas e elogios pontuados em relação a prática docente relatada, consideramos que a BNCC deve ser amplamente discutida em diferentes instâncias sociais. Cabe então aos municípios, estados brasileiros e Distrito Federal não só a elaboração e adaptação dos currículos locais, mas também oferecer aos docentes, gestores e demais funcionários da educação, a formação continuada sobre o documento.

Concluindo, levantamos alguns questionamentos possíveis a partir desse caso que vão para além das questões sobre a própria prática: de quem é a responsabilidade da formação estética dos professores? Onde estão os espaços coletivos e reflexivos dentro da escola? Quem irá respondê-las? Quem coloca as bolinhas na galinha? ■

## Referências bibliográficas

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2009.
- \_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP nº 15/17**. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, SEB, 2017.
- COUTINHO, Ângela; ROCHA, Eloísa. Bases Curriculares para Educação Infantil. Ou isto ou aquilo. In: MEC. **Revista criança**. Brasília, 2007, p. 09-17.
- DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**: desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 1989.
- DEWEY, John. **Arte como experiência**. Martins Fontes, São Paulo, 2010, 645p.
- ZUCOLLI, Franca. As indicações nacionais italianas: campos de experiência e artes. In: FINCO, Daniela; BARBOSA, Maria Carmen Silveira; FARIA, Ana Lucia Goulart de. (Orgs). **Campos de experiências na escola da infância**: contribuições italianas para inventar um currículo de educação infantil brasileiro. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica, 2015. p. 199- 220.
- VIGOTSKI, Lev. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.